



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Vida litteraria (A esposa de La-martine)*, por D. Guiomar Torrezão;—*Estudos hygienicos*, (continua-cão) por Castor;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*A Laurita*, conto, por Affonso Vargas;—*D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A noiva*, versos, por Francisco de Campos;—*A Lenda do Equador*, conto phantastico, por Armando da Silva;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O João*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Madame Furtado Heine*;—*Os Sete Peccados Mortaes (specimen das gravuras)*;—*Ponta de S. Lourenço, na ilha da Madira*;—*Motas*;—*uslodio camas*.

### Declaração:

«Em nosso nome, e em nome do nosso collega, o ex.<sup>mo</sup> sr. Rodrigues da Costa, casualmente ausente, repellimos indignados a patifaria que no numero anterior nos invadiu á traição o lugar do artigo de fundo, com-

### CHRONICA

Ainda bem que não porcebo nada, porque n'este cantinho do occidente estão-se passando coisas de tal maneira extraordinarias que, se eu as entendesse, ficarme-hia para sempre no passado a pecha ignobil de ter morto enigmas.

Deus me livre! Decida, quem quizer, quaes são, em ultima analyse, os redactores das *Noticias da Noite*, jornal muito sympathico, cuja existencia ia correndo ignorada, como a dos verdadeiros luctadores, mas que em dois dias, quarenta e oito horas, attingiu uma celebridade vertiginosa, que ninguem já agora será capaz de contestar-lhe, sem se mostrar por isso inimigo irreconciliavel da bella pandega.

Eu conto: *As Noticias da Noite*, em artigo de fundo, lançaram-se arrojadamente, a sós, em considerações maduras sobre o duello que por um triz se não realisou ha pouco.

No dia seguinte, publicava o mesmo periodico a seguinte



MADAME FURTADO-HEINE

mentando uma pendencia de honra tratada por quatro cavalheiros que muito respeitamos.

«Lisboa, 12 de setembro de 1887.—Assignados: A. M. da Cunha Bellem, Antonio Maria de Campos Junior.»

Não teve a lua licença de passeiar novamente no constellado azul, sem que, com bôa ou má vontade, o seu fallar merencorio illuminasse uma extensa

### Contra-declaração.

na qual os redactores supplementares da caprichosa folha varriam nobremente a feia imputação de que haviam sido alvo, reproduziam o questionado artigo (que pela reedição não perdeu nem ganhou, e, finalmente, se juravam para sempre desquitados dos dois, ou tres primeiros declarantes.

— Quem te entender que te compre, dizia outr'ora o proloquio. Mas o proloquio é falso como Judas, porque o jornal onde tudo isto se passou, todos agora o compram e ninguem ainda o entende.

Como foi que tão oppostas coisas entraram na typographia, passaram na revisão, sahiram da machina e vieram afinal a lume, sem que os redactores, os verdadeiros, dessem pela invasão dos intrusos? Nem Deus responde a esta grave interrogação, porque, se Deus soubesse de semelhantes coisas, já tinha enviado sobre as *Noticias da Noite* um raio que as illuminasse, ou que as partisse, ao menos. E, por emquanto, nada.

O artigo que foi causa proxima, que foi pae e mãe e tudo, n'esta exquisita discordia, não era de modo algum affecto á causa progressista, visto que tratava impertinentemente um ex-ministro da situação actual. Pois, apesar de tudo, o *Correio da Noite* de quinta feira resava assim:

«Da illustre redacção das *Noticias da Noite* recebemos, etc.»

E, em seguida, dava uma carta em que a illustre redacção, botando-se réclame, promettia refferir-se n'esse mesmo dia á declaração dos srs. Cunha Bellem e Campos Junior.

Illustre redacção, nem mais nem menos. Estavam portanto em ponto de rebuçado as relações entre o *Correio* e as *Noticias*, precisamente no instante em que estas se propunham repetir as extravagancias com que haviam brindado um partidario d'aquelle.

Virgula.

Ao mesmo tempo, escreviam as *Novidades*:

### Noticias da Noite

«Este jornal publica hoje dois artigos, um relativo á questão da *chantage*, outro ao logro de que foi victima, e a que já se referiram os srs. Cunha Bellem e Campos Junior.»

Ponto. De admiração, já se sabe.

D'este esquipatico embroglio, é natural concluir-se que as folhas progressistas, ambas e duas, deixaram-se embalar pela epistola singularmente equivoca do collega regenerador. Eil-a:

«Sr. redactor.—Victimas d'um abuso inqualificavel, que manchou a reputação do jornal em que nós escrevemos, por se ter d'elles servido o seu revisor e collaborador, para tratar um assumpto repugnante a troco de dinheiro, e desejando nós tornar bem publico que repellimos a infame *chantage*, pedimos a v. que noticiassem que hoje nos referimos claramente a esse ponto, e outro sim á declaração publicada em differentes jornaes e assignada pelos srs. Cunha Bellem e Campos Junior.

Desde já agradece a v.

A Redacção»

Esta Redacção, como se viu depois, já não era a pri-

meira declarante; mas, para quem não contava com os successos ulteriores, parecia mesmo que sim.

De modo que os redactores supplementares, ao mesmo tempo que votavam ás feras o revisor infame que introduzia as mãos nas algibeiras do proximo, davam-se elles mesmos á patuscada de metter os pés nas algibeiras da opposição. Nunca os pés lhes dôam.

Falta-nos ainda vêr que o sr. Ernesto Pires, auctor da *chantage*, indignado pelo procedimento dos seus collegas, acorde repentinamente e os ponha a todos na rua.

Tanto mais, que não é preciso uma pessoa ser muito Pires, para fazer de um jornal onde collabora instrumento utilisavel em processos ignobeis. O jornalismo está cheio d'isso, e a culpa não é sómente dos marotos, é tambem, se não principalmente, de quem os soffre. Ha até jornaes estabelecidos muito de proposito para especulações da ultima baixeza, e nem por isso os outros, os que o são, os que pretendem impôr-se como elementos de moralidade e de progresso, cahem de vez sobre os primeiros, á chicotada, no intuito humanitario de reduzil-os á immundicie d'onde brotaram. Se para consciencias sujas não ha policia nem lazaretos, ponham ao menos, junto das mais perigosas, a bandeira amarella dos empestados.

Queixam-se d'este, que dava agora os seus primeiros passos na escola da borracheira, e deixam livremente alguns, cujo exercicio vem de longe, sem que ninguem, por tão pequena coisa, se tenha incommodado a desvial-os.

Nas proprias redacções honestas, apparecem frequentemente esses abortos. Assim é preciso, para que as respectivas empresas disponham de collaboradores baratos. Os jornaes que nascem pobrememente e os jornaes que expiram miseraveis são os melhores elementos para o desenvolvimento da raça. E' o primeiro que vem. Quanto mais tolo, melhor, porque menos recalcitrará contra as emendas que lhe façam nas tolices.

Assim se vão creando uns fazedores de noticias, que a principio têm graça e não offendem, mas alguns dos quaes, emfim, veem a tornar-se eximios na invenção de *chantages*, de pantomimas que depreciam o jornalismo todo, e justificam a desconsideração com que são tratados ainda mesmo os que, por extravagancia teimosa, querem morrer honestos.

No fim de tudo, será preciso ser-se pessimista para reputar estes factos perfeitamente compatíveis com a organização actual da sociedade? Pois este mundo, esta vida, não é tudo isto patusco?

Eu sou realmente uma creança! Quando me lembro de que vivo n'um paiz onde se accusa de incendiario um dos ministros do rei, quasi que faço beicinho.

Pois quê! Não poderão dizer mal do sr. Marianno de Carvalho, sem m'o figurarem com um molho de carne queija na mão direita, uma tegelinha de petroleo na sinistra, uma caixa de phosphoros na algibeira e um cigarro de Xabregas ao canto da bocca? Mal por mal, se é absolutamente necessario convencerem-me de que foi posto o fogo da *Luzitana*, digam-me que foi o papão, digam-me que foi o diabo, mas não se queiram rir á minha custa, fazendo-me acreditar que, para tão pequena coisa, é indispensavel a mecha do ministro da fazenda.

D'outro modo, passo a attribuir ao sr. Marianno a ventania extraordinaria que, ha poucos dias, me arrasou pelo Chiado abaixo um lindo côco recém comprado no Ribeiro, se não lhe attribuir o proprio côco, que, por signal, foi caro como o Ribeiro é servido.

E, attendendo a que esta immensa chronica foi toda dedicada a assumptos indigestos, peço-lhe, leitor, que acredite que semelhante estopada não foi obra minha.

Isto foi obra do sr. ministro da fazenda.

## VIDA LITTERARIA

## A ESPOSA DE LAMARTINE

(Paulo Gíasty)

(Imitação)

O anno passado, pouco mais ou menos por esta epoca, inaugurava-se em Passy a estatua de Lamartine; e muitos dos que o conheceram, remodelaram no marmore e no bronze das suas recordações esse grande vulto, que hoje se nos afigura tão longe de nós.

Teria sido esse o momento propicio para a publicação do livro de Charles Alexandre, que só agora appareceu a lume, livro onde se desenha o suave e austero perfil da senhora de Lamartine.

O proprio author reconhece e confessa, que é tarde para falar da esposa de Lamartine.

O desfilar vertiginoso dos acontecimentos, o grazi de e successivo movimento litterario da França, outras preocupações, outras idéas, o gyro incessante do tempo que tudo arrasta e anniquia no seu galope atravez da vida, obliteraram da memoria dos contemporaneos, o nome d'aquella que deveria e merecia ter sobrenadado, como a branca e immaculada flôr da nymphaea, acima do caudaloso oceano do esquecimento.

Só um limitado grupo de escriptores, dos que não sacrificam o passado ao presente, só um restricto numero d'esses que sabem guardar no fundo do coração a delicada e subtil fragrança das recordações, o aroma dos altares desnudados e dos cultos remotos, só esses admirarão ainda o retrato, traçado com intima e sincera emoção, d'essa mulher superior, envolvida em uma legenda de austeridade e de mysticismo religioso!

E todavia, sob a apparente frieza d'esse corpo impecavel e d'essa alma purissima, ninguem ignora que se occultava uma ardente dedicação pelo marido e uma violenta e exaltada paixão por tudo que dizia respeito á gloria de Lamartine.

Em um estudo biographico, em que Luiz Ulbach fez resaltar com todo o seu estranho relevo, a phisionomia da esposa de Lamartine, refere elle de que engenhosos subterfugios, de que artificios de illimitado amor se servia a sr.<sup>a</sup> de Lamartine para obter do marido as correcções, as attenuantes, as alterações que deveriam, na opinião d'essa catholica fervorosa, d'essa companheira dedicadissima, desarmar a critica e poupar ao grande homem envelhecido, desalentado e fatigado, alguns ataques mais violentos.

Este profundo traço indelevel, muito mais eloquente do que um longo panegyrico, basta para avivar na historia o vulto sympathico, piedoso e suavissimo da esposa do poeta.

A sr.<sup>a</sup> de Lamartine eraa antithe se da mulher romantica.

Mariaona Elisa Birch, natural de Inglaterra, mau grado o espontaneo impulso com que abraçou a religião catholica, não perdeu nunca o seu puritano aspecto de protestante.

O celebre poeta das «Meditações», desposou-a, ao immergir de um tempestuoso e agitado periodo de apaixonadas e violentas lutas.

Não foi positivamente o *coup de foudre* que arrastou Lamartine para o casamento; testemunham-o as palavras que o poeta endereçou de Virieu a um amigo:

«Assignei hoje a minha escriptura matrimonial; amo minha mulher, á força de estimal-a e admiral-a»

Mas a ternura constante, previdente, maternal, finamente intelligente da mulher escolhida pelo poeta para sua companheira na vida, inspirou, pouco a pouco, a Lamartine um profundo e commovido reconhecimento, que transluz na dedicatória do *Jocelyn*.

A sr.<sup>a</sup> de Lamartine foi, sobre tudo, a corajosa e devotada amiga nas horas atribuladas.

E' principalmente sob esse ponto de vista que sobressai o seu prestigioso vulto, que se impõe ao nosso apreço a sua bella e generosa alma.

O respeito pelo genio do marido dominava todos os seus sentimentos. Esse respeito exemplificou-se na abnegação com que ella acceitou, estreitando até ao intimo do coração, mas resignada e submissa, o bizarro capricho de artista do marido, que quiz baptisar com o nome de «Julia», reminiscencia de um antigo amor, do beijo do *Legó*, a sua filha.

Mesmo nas horas em que o lyrismo não vibrava n'essa lyra humana, arrancando-lhe a vaga e son'adora idealisação de que elle revestia a mulher, e tudo e todos que o rodeavam, nem por isso Lamartine deixava de prestar inteira justiça ás singulares e raras prendas da sua companheira.

Em 1828, o grande poeta escrevia a um amigo:

«Mal de saude; de todos os lados, contrariedades, tristezas

decepções, á excepção de minha mulher, que é sempre um modelo de perfeições.»

A viagem ao Oriente, que fiadou tragicamente com a morte de sua filha, uniu por um novo laço, em uma dôr suprema, os corações dos dois.

A mãe dilacerada e lacrimosa, a *mater dolorosa*, tendo cravadas no coração as sete espadas, absorveu-se toda no culto do marido e fez-se a sua providencia.

Charles Alexandre lembra, a proposito da viagem ao Oriente, um pormenor importante.

Como se sabe, exprobaram a Lamartine essa viagem, considerando-a a origem da sua ruina.

E muita gente ignora que a narração d'essa olympica viagem lhe foi paga por cem mil francos, obtendo assim o poeta uma receita pouco mais ou menos equivalente á despeza.

A sr.<sup>a</sup> de Lamartine, obrigada a receber as pessoas que a procuravam, resignava-se a custo a essa forçada distracção. Falava pouco, o seu aspecto gelava pela dignidade triste. Faltava-lhe de resto a graça feminina, que corresponde, em relação á mulher, ao que é o aroma para a flor.

Era alta, magra e esguia como uma estatua religiosa da idade media. A esposa do poeta desviava-se, systematicamente, das lutas politicas que agitavam a existencia de Lamartine; tinha medo do ruido, receiava o tumulto dos debates.

Só raras vezes ia á camara ouvil-o.

Em 1848, porém, a despeito dos seus terrores, nada poude detel-a, ao comprehender e sentir toda a grandeza do papel que elle ia representar.

Foi precisamente n'essa occasião que Charles Alexandre conheceu bem a sr.<sup>a</sup> de Lamartine.

Começavam as horas nefastas. Era, simultaneamente, o desmurchamento da popularidade e o anniquilamento da fortuna.

E foi tambem n'essa hora solemne que a nobre mulher revelou de que tempera heroica era formado o seu caracter, trabalhando com o poeta, corrigindo as suas provas, velando por elle e pelo seu nome, prompta para todos os sacrificios, pedindo que se empregassem os restos do seu dote em uma renda vitalicia para o marido, «porque, dizia ella, Lamartine não poderá nunca restringir a sua generosidade.» «*il donnera tant qu'il vivra.*»

No seu grande coração, exuberante de amor, a sr.<sup>a</sup> de Lamartine achava o segredo de levantar os desalentados, de amparar os vacillantes, de consolar os tristes.

«O que existe de mais perigoso nos abysmos, accrescentava a sua ineffavel voz de compadecida, é a vertigem que produzem a quem os contempla. Confundem-se assim ás vezes os barrancos com os abysmos. Embora haja probabilidade de succumbir, nem por isso a gente deve suicidar-se.»

A sr.<sup>a</sup> de Lamartine escrevia então longas cartas a alguns fieis amigos: transmittia-lhes o ineffavel balsamo da crença, pedia-lhes que partilhassem as suas opiniões religiosas, ou antes, redigia compendios instructivos, para uso dos alumnos das escolas de Saint-Point.

Defendia a politica do sr. de Lamartine, impellia os que lhe eram dedicados a auxiliá-lo no interesse do seu repouso moral. Era uma verdadeira existencia de luta tumultuosa e constante.

E' curioso encontrar-se na penna da sr.<sup>a</sup> de Lamartine, em uma carta dirigida a Charles Alexandre, reflexões muito desenvolvidas ácerca da unidade da Italia, e algumas prophcias, que se realisaram.

Mas os *Entretiens*, publicados por Lamartine, constituíam o grande assumpto que lhe perturbava o espirito. Pesava todas as palavras, relia as paginas escriptas pelo marido, e empregava mil artificios, mil estratagemas, para alcançar algumas modificações que se lhe afiguravam necessarias, sem nunca parecer contrarial-o.

Os ultimos dias da sr.<sup>a</sup> de Lamartine fôram dolorosissimos.

A mascara de fogo da eresypela queimava-a.

A agonia prolongou-se por espaço de vinte e quatro horas.

Lamartine, pregado á cama por um rheumatismo agudo, esphacelado por atrozes soffrimentos, nem sequer poude levantar-se, quando o caixão de sua mulher lhe passou pela porta do quarto.

A sr.<sup>a</sup> de Lamartine pintava e esculpia. Fôra ella que, com os seus quadros e as suas esculpturas, ornamentára o gabinete de trabalho do poeta.

A grande tela que representava todos os poetas, na apothese da gloria, foi concluida por ella no seu atelier de Paris.

Encerrara-se por espaço de muitas semanas para effectuar esse trabalho.

Charles Alexandre refere-se a outra obra da sr.<sup>a</sup> de Lamartine, que se acha em Saint Germain l'Auxerrois. E' uma pia de agua benta, que se vê na extremidade de uma das naves, meia occulta na penumbra violacea projectada pelos *vitraux*.

Sobre tres conchas levanta-se um grupo de tres creanças, enlaçadas em torno de uma cruz, nuas como a innocencia, orando extaticas.

Foi esse bello trabalho o dom da sua ardente fé, offerecido ao velho templo catholico, dom grave, religioso e discreto, como a recordação deixada pela authora.

GUOMAR TORREZÃO.

## ESTUDOS DE HIGIENE

III

## A alimentação

Uma pessoa de espirito elevado e sentimentos delicados, que siga um regimen grosseiro, resentir-se ha d'isso muito depressa, até que o seu regimen se eleve ao nivel do seu caracter ou que este se abaixe ao nivel do seu regimen.

Deve entender-se por regimen não só a alimentação, mas também todos os habitos geraes, taes como as leituras, os prazeres, os logares que se frequentam, etc.

Pelo que toca á alimentação, eis aqui as observações que se tem feito.

Em geral, todos os vegetaes que servem para nos alimentarmos, possuem propriedades preciosas: fornecem um sangue puro e leve, acalmam os movimentos interiores e diminuem a irritabilidade, tendo além d'isso uma tendencia para a acidez, que corrige e impede a putrefacção—a nossa mais cruel inimiga.

O regimen vegetal dá expressão á physionomia e agilidade aos membros; favorece a espontaneidade, a penetração do espirito e a alegria; desenvolve a memoria e o raciocinio; predispõe para todos os sentimentos bons e produz em nós um estado de quietude e de socego, que tão necessario é á vida.

Os vegetaes devem, portanto, constituir a maior parte da alimentação do homem.

A substancias animaes, pelo contrario, dão um sangue peizado e susceptivel de corromper-se facilmente.

A carne é muito mais quente e estimulante que os vegetaes: excita os movimentos interiores e a irritação phisica e moral, produz maior quantidade de sangue, alimenta mais, mas também exige mais trabalho e exercicio.

Torna-nos pezados, conduz nos á inacção e ao repouso, rouba ao espirito a sua espontaneidade, dispõe-nos para as idéas sombrias e, em geral, contraria as faculdades intellectuaes e moraes.

Os homens que se alimentam especialmente de carne, são quasi sempre violentos, apaixonados, crueis.

As creanças que desde muito cedo começam a comer carne em grande quantidade, tornam-se robustas, mas ao mesmo tempo brutaes e sujeitas a muitos accidentes capazes de lhes abreviarem a vida.

«As pessoas que mais tem vivido,—diz Hufeland,—alimentavam-se quasi exclusivamente de vegetaes.»

Como o regimen vegetal encerra em si muitas virtudes, não apresentando nenhum inconveniente, será bom educar n'elle as creanças, por isso que influe poderosamente sobre a belleza do corpo e sobre a tranquillidade da alma, no dizer de Bernardin de Saint-Pierre.

No estio, sobre tudo, os legumes e os fructos são altamente convenientes ás creanças.

Já Rousseau, advogando este principio, dizia:

«Uma das provas de que a carne em abundancia é prejudicial ao homem, está na indifferença com que as creanças olham para ella, preferindo-lhe os alimentos vegetaes, como os lacticios, os pasteis, os fructos, etc. Deve-se fugir de dar muita carne ás creanças, não tanto pelo que pode prejudicar a sua saude, mas pelo prejuizo que pode produzir no seu caracter. Seja qual fór o modo porque se explique a experiencia, é certo que as pessoas que comem muita carne são em geral crueis e ferozes. Esta observação é de todos os logares e de todos os tempos.»

Newton, tomava apenas pão molhado em vinho nos dias em que tinha muito que trabalhar.

Buffon, durante mais de 40 annos, só almoçou um pouco de pão, com agua ou vinho.

O sustento ordinario de Platão compunha-se d'az itonas e de cebolas. Socrates quasi que se sustentava da mesma forma.

Seneca, o philosopho, levava uma vida muito austera, tanto na côrte como nas suas casas de campo. Por conselho do seu preceptor, absteve-se de comer carne e notou que, depois d'isso, o seu espirito redobrou de viveza e de penetração.

Horacio não comia ordinariamente senão legumes e frutas.

Lamartine, nas suas «Novas confidencias», escreveu:

«...Até aos doze annos, só me alimentei de pão, leite, queijo, legumes e fructos. A minha saude não foi por isso menos forte, nem o meu desenvolvimento menos rapido. E' talvez a esse regimen que eu devo esta pureza de feições, esta exquisita sensibilidade de expressão e esta doçura serena de genio e de caracter que até hoje tenho conservado.»

Escusado é dizer que não ha nada d'absoluto nos regimens. O que convém a uma pessoa pode não convir a outra. Nós não fazemos mais do que recommendar generalidades, deixando a cada qual o cuidado de estudar, de experimentar e de escolher o regimen que mais vantagens lhe offereça.

## Da influencia do regimen sobre o phisico e o moral

O homem soffre a influencia, não só da natureza dos alimentos, mas também da maneira porque os toma e porque os faz succeder uns aos outros.

M. J. Rambosson, que fez um estudo muito especial das leis da vida, observou:

1.º Que, quando as comidas são regulares e da mesma natureza, depois d um certo tempo perde-se toda a espontaneidade; o espirito não tem iniciativa nem vigor, cahindo n'uma monotonia analoga á do estomago;

2.º Que, quando depois de se terem tomado alimentos copiosos, substanciaes o estimulantes, se passa para um regimen severo e de abstinencia, as idéas acodem com abundancia, o espirito adquire iniciativa, e todas as faculdades se desenvolvem n'um alto grau, sentindo-nos nós aptos para todo o genero de energias, e com gosto para os trabalhos intellectuaes, que então se executam com grande facilidade;

3.º Que, se a abstinencia se prolongar demasiadamente, as idéas cessam de se produzir, sentindo-nos incapazes de exprimir o pouco que vemos e pensamos;

4.º Que, quando depois d'este estado de abstinencia, se tomam alimentos copiosos, substanciaes e estimulantes, as idéas voltam de novo e com ellas a vida, a força, um bem estar indefinivel; desaparecendo tudo isto se a abstinencia recommençar;

5.º Que se experimentam alterações moraes e phisicas ainda maiores, se se passar do regimen vegetal ao regimen animal, e vice-versa;

6.º Que, quando o homem reconhece a influencia do regimen sobre o phisico e sobre o moral, ser-lhe-ha facil ou pelo menos possivel, por esse facto, banir a tristeza, o spleen, o abatimento, e conservar-se n'um estado permanente de saude, de alegria e de actividade, gozando do maior desenvolvimento das suas faculdades tanto intellectuaes, como corporaes.

«Os medicos, como os moralistas,—disse Bacon,—recomendam a frugalidade; mas uma dieta frequente e excessos passageiros fortalecem mais o temperamento que um regimen uniforme que torna o corpo pesado e embota as nossas forças, tornando-nos incapazes do mais pequeno esforço.»

CASTOR.

## OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 8)

IX

## Uma desgraça nunca vem sózinha

—Mas o que foi isto? perguntavam os criados uns aos outros, accudindo a Elisa e ao conde, e olhando, surprehendidos e desconfiados, para o filho do conde e para a governante.

Antonina, comprehendendo de repente tudo o que se passara, tendo a consciencia nitida da gravidade da sua situação, viu que o seu silencio perante aquella catastrophe inexplicavel, se se prolongasse alguns segundos mais, se tornaria n'uma condemnação terrivel para ella e para Roberto.

E então, mesmo sem saber muito bem o que havia de dizer, começou a explicar o caso com uma fabula muito inverosimil, muito contradictoria, que lhe occorreu de momento.

—O sr. conde, naturalmente n'um accesso febril, disse ella, levantou-se da cama, pegou no revolver e desfechou-o. Ao primeiro tiro corri surprehendida, a ver o que era. Eu a entrar por esta porta, o sr. Roberto a entrar por aquella. Aterrados, assustados, prevendo qualquer desgraça, corremos para o sr. conde; elle, presentindo-nos, fugiu; mas na fuga, escorregou e cahiu: então o revolver disparou-se-lhe, e a bala foi ferir a menina Elisa, que vinha a entrar n'esse momento.

Esta versão era tudo o que havia de mais disparatado e inverosimil.

O conde de Sandim estava deitado de costas, no chão, ao pé do seu leito, exactamente na mesma posição em que estivera sobre a cama.

Sentindo-se afflicto, gritara por soccorro: o ar faltava-lhe: a suffocação fizera-o sentar-se rapidamente.

Vendo que ninguem lhe accudia e sentindo cada vez a asphyxia a subir mais, tentara levantar-se: as forças parecia faltarem-lhe: resvalou do leito e cahiu no chão, na mesma posição: com a cabeça para o lado da cabeceira.

Na queda, o pé d'uma mesinha de noite abriu-lhe um largo ferimento na cabeça: a violencia da dôr fez-lhe perder os sentidos, e a grande porção de sangue que da ferida sahio, esgotou-lhe completamente as poucas forças que lhe restavam e prolongou-lhe indefinidamente o deliquio.



Os Sete Peccados Mortaes - SPECIMEN DAS GRAVURAS

Ora, era evidente que estando o conde no meio do quarto— como contava a governante, e fugindo d'ella e de Roberto, para junto do leito, poderia tropeçar e cahir, sim, mas de bruços e nunca de costas, como elle estava.

Outra coisa.

Segundo a versão de Antonina, o conde fugira com o revolver na mão, e fôra ao cahir que se disparára o segundo tiro, o tiro que acertára em Elisa, que vinha entrando.

Tudo isso podia ser, mas o que evidentemente não podia ser, era, tendo o conde o revolver na mão quando cahiu ao pé do leito, esse revolver não estar ao pé d'elle no chão, e apparecer no meio do quarto, junto de Antonina e de Roberto.

Ainda outra coisa.

Pelo que Antonina dizia, essa scena tinha-se passado n'esse momento mesmo. Os criados tinham ouvido o segundo tiro, e já de pé—surprehendidos pela primeira detonação, assim que ouviram o segundo correram immediatamente ao quarto do conde.

Portanto, entre o tiro e a sua apparição tinham mediado apenas segundos, unicamente o tempo necessario para descerem do segundo ao primeiro pavimento.

Não tinham por consequencia passado ainda cinco minutos sobre o caso, e todavia, o conde estava frio como um cadaver.

Elisa fôra ferida ao mesmo tempo que seu pae cahira, e do seu ferimento o sangue corria ainda vermelho e quente; da ferida que seu pae fizera cahindo e que conseguintemente era do mesmo tempo da sua ferida, o sangue já não corria, pendia coalhado e negro, em stalactites, dos beiços escancarados da ferida, e formava uma massa já consistente.

Como explicar tudo isto? como aceitar a versão dada por Antonina?

Os criados notaram logo com mais ou menos perspicacia todas estas inverosimilhanças, mas tiveram a delicadeza de não fazer objecção alguma e trataram de soccorrer os feridos.

Pousaram o conde sobre o leito, com o auxilio de Roberto, que, muito perturbado, pallido como um morto, ainda não dissera palavra.

Depois de deitar seu pae na cama e de, auscultando-o, notar que o coração pulsava ainda, que dos seus labios sahia uma respiração tenue, quasi que imperceptivel, Roberto fallou então, para ordenar que fossem immediatamente buscar um medico, o primeiro que encontrassem.

—O que? Elle ainda vive? perguntou, acercando-se, Antonina, que vinha de acompanhar as criadas, que transportaram em braços Elisa para o seu leito, e que julgando o conde morto se afastara silenciosamente d'elle, com a repugnancia que lhe inspiravam os cadaveres.

—Ainda! Isto naturalmente foi apenas um deliquio produzido pela ferida e pelo abalo da queda.

—Então, depressa, depressa um medico!

Entretanto, uma das criadas, a Ritinha, que era esperta, ladina, petutante, e que ha muito que andava de ponta com a governante, viera arrumar o quarto e dava um grito de surpresa muito bem fingido.

—Ah! ora esta!

—O que é? perguntaram os outros criados e criadas, que andavam ainda por ali, uns a limpar o sangue que no chão deixara Elisa e o conde de Sendim, outros a pôr em ordem os moveis.

Antonina e Roberto voltaram tambem a cabeça, a ver o que era.

—Está aqui o revolver!

E chamando um dos criados, mostrando-se muito assustada, gritou:

—Ande cá, sr. Antonio, leve para lá isso: pôde estar ainda carregado, eu com armas de fogo não quero brincadeiras.

O creado foi pegar no revolver.

E enquanto elle o entregava a Roberto, dizendo:

—«Ainda tem quatro cargas», a creada ponderou, mostrando-se muito admirada:

—Mas como é que isto foi? O sr. conde disparou o tiro quando cahiu ali, ao pé da cama, e o revolver apparece aqui d'este lado, no meio do chão?!

Todos os criados e criadas, satisfeitos com o atrevimento descarado da Ritinha, que ousava dizer em voz alta aquillo que todos elles pensavam e não tinham a coragem de dizer, olharam immediatamente para a governante e para Roberto.

Antonina, ao ouvir a reflexão insolente da criada, fizera-se vermelha como uma romã, affluira-lhe á cara todo o sangue; ao passo que Roberto, comprehendendo bem a intenção das palavras da Ritinha e dos olhares dos criados, ordenara, sacudido, com mau humor:

—Bom, bom, vão-se embora: não façam bulha aqui: não quero conversas, não veem como está o sr. conde?

Os criados obedeceram todos com uma expressão fina, sagaz, que queria dizer. «Bei sei, bem te conheço», e dirigiram-se para a porta.

A Ritinha porém, mais atrevida sempre do que elles, antes de sahir enaminhou-se para junto do leito do conde de Sendim, dizendo a Antonina e a Roberto:

—Com licença, deixem-me apanhar ahí esse sangue.

—Não é preciso, logo se limpa, respondeu Antonina, tentando evitar que a Rita se aproximasse.

Mas a criada era levada do demonio, e não fazendo caso das palavras de Antonina, baixara-se no chão, e com um grande zelo servical, dispunha-se a enxugar o sangue que a ferida do conde de Sendim deixara no tapete.

—E' exquisito! exclamou ella com nova surpresa. Este sangue está coalhado, está secco, não vae assim. Parece que está já aqui ha muito tempo!...

—Vá-se embora, não ouviu? ordenou um pouco irritado Roberto.

—Sim senhor, eu pensava que fosse melhor limpar isto d'aqui!...

—Logo limpa, disse a governante com voz mais branda, comprehendendo que na sua situação não era muito prudente provocar mais o odio da Ritinha e tratá-la com rigor: logo limpa, agora vá para ao pé da menina, ver como ella está, se precisa de alguma coisa, que eu já lá vou.

—Sim, minha senhora, respondeu a Ritinha satisfeita com a alteração operada nos modos da governante e percebendo, alegre, que o seu atrevimento ia dando já bons resultados.

E sбиu para o quarto da governante, para a cama de quem fôra transportada Elisa.

D'ali a momentos, chegou o criado com o medico.

Não era nenhum dos medicos da casa, era um rapaz novo, que Antonina nunca tinha visto, e que fôra o primeiro que o criado encontrara.

(Continúa).

GEVASIO LOBATO.

## A LAURITA

Tinha seis annos. Era viva, graciosa, esperta, e no seu olhar transparente e franco parecia pairar eternamente a luminosa irradiação de um astro.

Vindo a ultima, os paes amavam n'a com esse amor cheio de zelos e de desvanecimento, que quasi sempre inspira um filho que chega—quando já não era esperado.

Distanciavam-n'a do irmão mais novo sete annos e da irmã mais velha quinze.

De fórma que ella beneficiava a um tempo do carinho de uns e da ternura de outros.

Todos á porfia a rodeiavam de affagos, e até a D. Emilia—uma pessoa grave e sisuda, que era visita da casa, dizia ás vezes em tom de censura:—que haviam de estragar a pequena com tantos mimos.

—Depois é que torceriam a orelha, quando ella lhes saísse caprichosa e independente.

A D. Emilia tinha o cuidado de dizer isto em voz baixa, ás criadas, porque defronte da mãe toda ella se desentranhava em caricias «pela sua joiazinha, o seu amorsinho» e outros diminutivos sensiveis;—mas uma vez o irmão mais novo ouvira-a, e desde então a D. Emilia perdéra a sua estima e a da Laurita, a quem elle contára tudo.

Ora, em verdade, a pequenita manifestava já umas certas tendencias de indisciplina, que podiam dar razão ás apprehensões de todas as pessoas graves e sisudas, que são pelo geral as que costumam tel-as; mas as circumstancias especiaes em que se davam as taes tendencias de indisciplina e os motivos que vulgarmente as fariam surgir não podiam com segurança auctorisar um juizo tão precipitado.

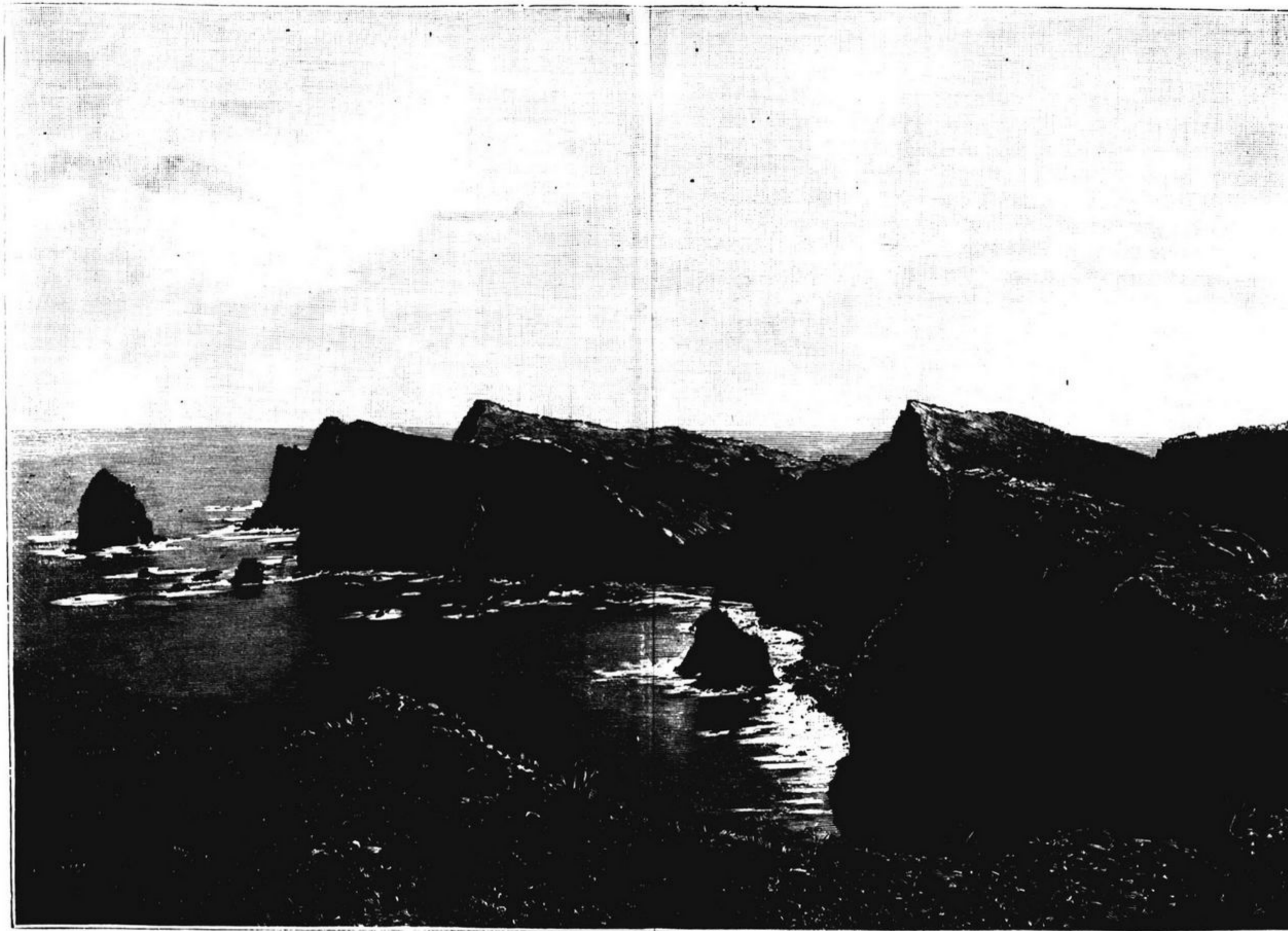
De ordinario a Laurita era bondosa e meiga, deixava-se beijar com facilidade, não fazia *beijinho* se porventura lhe negavam qualquer coisa que pedia, e era sobretudo de uma alegria communicativa e fresca, que guarecia como um balsamo e perfumava como um esfluvio as tristezas de quantos se lhe avizinham.

A supracitada indisciplina que tanto contendia com os nervos de D. Emilia resumia-se n'isto: tão pequenina e tão fraca, a Laurita queria ser independente e arrojada, e dispensar o auxilio dos irmãos ou das visitas para as suas brincadeiras ou para os seus empreendimentos.

Tinha os vislumbres sympathicos de um character energico e decisivo, confiando na sua força e nos seus recursos, e gostava de resolver por si mesma as difficuldades e os obstaculos que se lhe deparavam.

Um banco que caía, uma corda que rebentava, um carro que se desgrudava, qualquer pequeno serviço que ouvia pedir, tudo isso ella queria arranjar, recompor, satisfazer, e ficava seria, contrariada, desgostosa, quando lhe impediam ser util, ser prestavel, trabalhar...

Não lhe fazendo a vontade, ennovellava-se a um canto, e assim se quedava minutos até que um novo facto viesse solicitar-lhe a attenção. Geralmente, porém, não chorava nem fazia re-



PONTA DE S. LOURENÇO, NA ILHA DA MADEIRA

messos, e mesmo quando tinha de confessar a sua fraqueza e aceitar resignada a interferencia dos irmãos, nunca deixava de lhes dizer que era emquanto «não fosse do tamanho d'elles»; em sendo, não queria que ninguém a ajudasse.

Bom indicio, mau indicio? Quem poderia dizel-o, se tudo dependeria de como lhe formassem o character e lhe educassem a vontade? Em todo o caso, excellente symptoma de independencia e de confiança, que não convinha atrophiar e apenas dirigir.

Uma outra particularidade da Laurita, em parte quasi efficiente da primeira, era a extrema penetração da sua intelligencia ainda em germen quasi, e o cuidado notavel que ella punha em imitar as inflexões de voz, os cambiantes de gesto, os sublinhados de phrase, que surprehendia ás pessoas, nos breves momentos em que por acaso se demorava com ellas ou que ficava na sala junto da mãe, e que ella depois procurava reproduzir na doce babiolagem infantil dos seus monologos e dialogos, quando se apanhava só no jardim ou no quarto da brincadeira, e em que ella imitava então, com uma graça infinita, os trechos esparsos que conseguira registrar na memoria.

Se porventura se sentia espreitada ou descobria que a ouviam, ao invés de quasi todas as creanças que *prolongam a nota* e repetem a scena em que perceberam ter agradado, ella calava-se de subito e não havia arrancar-lhe uma palavra ou um gesto.

Outras vezes, porém, com a expansão inconsciente da sua idade não se importava de ter *publico* a ouvil-a, e pedia mesmo a algum dos irmãos ou a qualquer das visitas que se lhe affigurasse mais condescendente, para entrar na brincadeira, distribuindo-lhe um papel a proposito na scena que ia representar.

E então, ou imitava a festa de uma primeira communhão a que tinha assistido, ou as lições que dava'n as irmãs, ou a chegada de uma visita, qualquer dos varios episodios, emfim, a que assistira e que a tivessem impressionado.

O seu companheiro predilecto era o irmão mais novo, que, apesar da differença dos annos, tinha quasi a mesma altura; e uma das suas *imitações* favoritas era a de fingir com elle um casamento.

Desde que uma das irmãs se casára, ella, que fôra ver a cerimonia, temára um gesto especial em imital-a com o mano.

Dir-se-hia que era o instincto do sexo a dar-lhe a intuição do seu destino...

Portanto, essa tocante scena do casamento era das que ella mais gostosamente repetia, mesmo a pedido, quando estava em maté de condescendencias.

De uma occasião, porém, a cerimonia teve um sabor imprevisito e original, com o fecho que a Laurita inconsciente e ingenuamente lhe poz.

Imaginem que estando á porta da sala, á espera que a mamã viesse fazer-lhe um laço, ouviu as visitas a conversarem á vontade, ácerca de um casamento em que os conjuges se haviam desquitado.

Esta ultima palavra foi mesmo dita mais do que uma vez, de fórma que a Laurita, quando um dia, a pedido, foi representar com o irmão a sua applaudida imitação de um casamento, no meio de todo um *publico* que se apinhava na sala para a ver, deixou ouvir esta pergunta picante, dita aliás para o mano, com a mais simples e com a mais doce candura de uma bocca infantil:

—E se nós nos desquitássemos?!

1887.

AFFONSO VARGAS.

## D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas

### III

Foi a camara dos pares que felizmente modificou a proposta de lei verdadeiramente odiosa, que da camara dos deputados lhe fôra enviada.

Vamos seguir passo a passo as modificações, que darão logar a um estudo que parece interessante.

Em primeiro logar a camara dos pares fez emendas de redacção. Dizia a camara dos deputados:

«O mesmo ex-infante D. Miguel e seus descendentes são banidos do territorio portuguez para em nenhum tempo poderem entrar n'elle, nem gozar de quaesquer direitos *politicos* ou *civis*».

Emendou a camara dos pares:

«Para em nenhum tempo poderem entrar n'elle, *nem gozarem* de quaesquer direitos *civis* ou *politicos*»

Tinha razão a camara dos pares. Se o verbo *gozar* era regido pelo *não poderem*, não devia ser precedida da dijunctiva *nem*. Devia escrever-se: «*não poderem entrar n'elle e gozar ou gozar.*» O *nem* corre, ondia au *não*. Logo devia dizer-se *não poderem nem gozarem*.

Tambem tinha razão na inversão dos adjectivos que acompanhavam o substantivo *dirctos*. O castigo maior devia preceder o castigo *menor*. Ora a perda dos direitos *civis* constituia punição mais grave do que a perda dos direitos *politicos*.

Continuava a camara dos deputados:

«A conservação ou aquisição de quaesquer bens fica-lhes sendo *prohibida*, seja qual fôr o titulo ou a natureza d'elles.»

Emendou a camara dos pares:

«A conservação ou aquisição de quaesquer bens fica-lhes sendo *vedada*, seja qual fôr o titulo e a natureza dos *mesmos bens*».

Fica mais clara e mais elegante a redacção, isso é verdade; mas é curioso ver a camara dos pares, de férula em punho, a emendar a proposta da camara dos deputados, como se fosse um thema.

Continuava a camara electiva:

«Os bens patrimoniaes e particulares do ex-infante D. Miguel, de qualquer classe que sejam, são applicados para indemnisação dos prejuizos causados pela usurpação, na forma que se determinará por uma lei sobre este obj cto.»

Emenda a camara dos pares:

«Os bens patrimoniaes e particulares do ex-infante D. Miguel e de qualquer especie que sejam, ficam sujeitos ás regras geraes das indemnisações.»

A primeira emenda é consequencia da modificação feita no pericdo anterior, a segunda é uma nova palmatoada dada no portuguez da camara dos deputados, e ainda d'esta vez com plena justiça, porque o termo «bem de qualquer especie», tem muito mais propriedade do que o de «bens de qualquer classe.» A terceira, finalmente, é uma modificação de doutrina. A commissão da camara dos pares entendia que, modificando assim a proposta, melhor se executava o pensamento que a dictára, dispensando a necessidade de se fazer uma lei especial para ficarem os bens de D. Miguel hypothecados á indemnisação dos prejuizos que a sua usurpação causára.

Todas estas emendas eram feitas no artigo 2.º. O 1.º passára intacto, não sem que a commissão declarasse que, se tivesse de apresentar um projecto de lei, em vez de apreciar uma proposta vinda da camara dos deputados, a teria redigido de outra forma.

O artigo 3.º foi largamente modificado. A redacção da camara dos deputados era a seguinte:

«No caso em que o ex infante D. Miguel ou algum de seus descendentes para o futuro ousem entrar em territorio portuguez, contra a disposição do art. 2.º da presente lei, elles e quem os acompanhar ou se lhes unir, ou lhes der asylo e protecção, serão todos por este facto havidos como réus de alta traição, e, sendo julgados em conselho presidido pelo commandante militar mais graduado do logar em que tiverem sido presos, sendo o mais proximo na falta do primeiro e composto de quatro vogaes militares, por esse commandante nomeados, sem dependencia de ordem superior, immediatamente arcabuzados; o processo será verbal e summarissimo, e deverá em vinte e quatro horas ultimar-se e ter logar a execução dos réus.

Em primeiro logar a camara dos pares dividio este artigo n'um artigo com corpo proprio e dois paragraphos. O corpo ficou sendo o seguinte:

«No caso em que o ex-infante D. Miguel, contra o disposto no artigo antecedente, ouse entrar em territorio portuguez, ou approximar-se a elle, o dito ex-infante e os que o acompanharem ou se lhe unirem serão por esse facto havidos como reus de alta traição.»

Em seguida, a camara dos pares entendeu e entendeu muito bem que não se podia applicar sem mais nem menos a lei aos descendentes de D. Miguel, que o direito de legitimo chefe, e mais ainda o justificado resentimento de tantos padecimentos soffridos pelo paiz e pela liberdade inspiravam. Para compensar essa brandura, a camara dos pares quiz-se mostrar por outro lado mais severa, porque tambem considerou reus de alta traição o ex-infante, no caso d'elle se approximar do territorio portuguez, disposição extremamente platonica, porque fôra do nosso territorio via-se D. Miguel livre das leis draconianas votadas nas côrtes em Lisboa.

O paragrapho 1.º dizia o seguinte:

«Todas as authorities civis e militares a cujo conhecimento chegar que o ex-infante D. Miguel se acha em territorio portuguez, ficam tendo jurisdicção cumulativa para procederem á prisão do mesmo ex-infante e dos que o acompanharem ou se lhe reunirem. A authority que fizer a prisão porá logo os presos á disposição do commandante militar superior que se achar na comarca onde fôr feita a mesma prisão, e entretanto empregará para segurança dos presos, todas as cautellas necessarias.»

Ha aqui duas modificações importantes e equitativas. Suprimia-se a criminalidade de quem desse asylo ou protecção aos proscriptos, observando muito nobremente a commissão dos pares «que o legislador deve abster-se de impôr um preceito que sirva para collocar os subditos na collisão, ou de faltarem aos sentimentos que lhes inspira a honra, a moral e a humanidade para obedecer á lei, ou de faltarem a esta para observar aquelles.»

A segunda modificação era a que transferia para o commandante militar da comarca, e não para o commandante militar do logar onde os proscriptos fossem presos, o direito de os julgar. Evitava-se d'esse modo a iniquidade de poderem ser julgados os principes e os seus seguidores por um sargento, e por um tribu-



nal de cabos de esquadra. No resto do § inseria-se a doutrina do artigo 5.º do projecto da camara dos deputados.

O § 2.º dizia assim:

«Sem dependencia de ordem superior, o commandante militar, a cuja disposição assim ficaram os prezos, convocará logo e presidirá a um conselho composto de quatro vogaes militares por elle nomeado, ouvindo os prezos; e verificada a identidade de pessoas, serão os mesmos prezos sentenciados a ser fusilados: o processo será verbal e summarissimo, e para elle e para a execução ficam assignada sómente vinte e quatro horas.»

Notaremos uma emenda da redacção, menos justa do que as anteriores. Onde a camara dos deputados pozera o vernaculo *arcabuzados*, pondo a camara dos pares o galli-ismo *fuzilados*, se preferia a tudo a propriedade do termo, deveria pôa *espingardados*, se o arcabuz já não era arma de ordenança; *fusil*, no sentido de *espingarda*, nunca foi palavra portugueza.

Ainda n'este § 2.º se inseria doutrina do art. da proposta da camara dos deputados.

O art. 4.º era igualmente modificado da seguinte forma:

«Com aquellas pessoas que, mesmo não entrando em territorio portuguez o ex-infante D. Miguel, se levantarem ou tomarem armas a favor d'elle, se fôr em provincia ou districto que esteja declarado em insurreição, se procederá como fica disposto no § 2.º do artigo antecedente; se porém não fôr em districto que esteja declarado em insurreição e fóra da lei, serão essas pessoas processadas e condemnadas como rebeldes pelas auctoridades ordinarias e competentes, conforme as leis em vigor e com todo o rigor d'ellas.»

O artigo 4.º do projecto da camara dos deputados não fazia esta distribuição, e não era iniquo, porque punha fóra da lei os partidarios do ex-infante.

O artigo 5.º foi supprimido, e substituído por outro, que dizia respeito aos descendentes de D. Miguel e que dizia assim:

«Se depois da morte do ex-infante D. Miguel, os seus descendentes entrarem no territorio portuguez, o governo fica auctorisado para lhes fazer applicar as disposições da presente lei.»

Este artigo sensatissimo, cuja suppressão, como veremos, fez com que a lei fosse violada, substituiu, como dissemos, o art. 5.º da proposta da camara dos deputados, cuja doutrina fóra distribuída pelos dois paragraphos do art. 3.º

Do artigo 6.º, na parte em que punia as omissões das auctoridades civis ou militares, supprimiu porém a camara dos pares a 2.ª parte, que dizia o seguinte: «Na mesma pena incorrerão as pessoas, que, sendo intimadas para a prisão, processo, e execução dos réus, não satisfizerem a intimação, e bem assim aquellas por cujo dolo ou culpa se retardar o processo e execução de que trata o artigo 8.º»

Era verdadeiramente um acervo de arbitrariedades, a que a camara dos pares punha muito sensatamente cobro.

O artigo 7.º, que promettia o premio de 10 contos de réis a quem prendesse o principe e o entregasse á auctoridade, foi supprimido.

Os signatarios do parecer da camara dos pares eram o ex-ministro Fernando Barradas, Thomaz de Mello Breyner, Toigiro, Henrique da Silva da Fonseca, e conde da Taipa. Este ultimo era o relator.

PINHEIRO CHAGAS.

## A NOIVA

Entrou o limiar d'esse segundo  
monumento da vida.  
Ante seus olhos abriu-se outro mundo  
de cor indefnida.

O solo é tapetado como a alcova  
d'essa recém-casada;  
e a lua que lá brilha é sempre nova,  
a noite perfumada.

Quando der mais um passo, que de sombras  
se não dissiparão!  
Ila de julgar-se ali sobre as alfombras,  
contendo o coração...

No seu primeiro beijo, que delicias!  
que convulsão tão doce!...  
Depois... são poucas todas as caricias,  
tê que um mar d'ellas fosse!

Porto—1887.

FRANCISCO CAMPOS.

## A LENDA DO EQUADOR

(CONTO PHANTASTICO)

No meu quarto, todo forrado de negro, hermeticamente fechado, eu fiz as praticas mysteriosas da India e evoquei o Dante,

quando a noite já era velha, á hora em que as almas dos mortos divagam pelo ar e descem á terra, para beijar em sonhos os que amaram.

O louco sonhador florentino esteve ali; a sua alma antiga, e branca e pura como a neve do pólo, desceu até mim, n'uma evolação mais odorifera que o cheiro do resedá e mais doce que o halito de um cherubim.

Pallido, a tremer, inerte como um morto, no sophá do meu quarto, todo forrado de negro, hermeticamente fechado, eu contemplava, espavorido, a estranha apparição; era em verdade o Alighiere, aquelle que em vida desceu ao inferno, subio ao purgatorio e voou ao céo; era elle, com a sua physionomia magra e adunca, coberta de marmoreo torpor, que me roçava na fronte com as dobras da tunica.

Mas, na escuridão da minha alma, houve, repentinamente, como um bruxolear de indecisa luz; espalhou-se nas minhas veias rejuvenescedor conforto, como se bebera um trago de vinho generoso, e fitando o espectro do que escreveu a *Divina Comedia*, o livro em que se relatam as coisas mais assombrosas, disse-lhe firme e sem trepidar na emissão da voz:

—«Poeta, hardo scismador, já que accedeste ao meu desejo, obedecendo ás formulas magicas de que me servi, e desceste até á minha humilde mansarda, falla-me da mystica sensualidade das regiões distantes e inominadas, conta-me a vida dos mundos que estão suspensos no ar e refere-me a belleza suave do reino dos sóes.»

O phantasma agitou se, brandamente, com um ruido lugubre e sonoro de ossos, e como passasse a mão descarnada pela fronte esqueletica, d'um marmoreo torpor, uma réstea luminosa de fulvas estrellas, palpitantes de forte claridade, reluziu no vacuo escuro e tenebroso do meu quarto.

Uma voz de som cavo, rouco, tumular, sussurrou intercadente e baixa, mas deixando, ainda assim, entrever um vago tom de triste ironia e asteismo, e eu guardei na minha alma as palavras desoladoras que disse o esqueleto:

—«A vida é ma; a morte é peor. Sa padeci na terra, ancioso pela minha Beatriz, se na terra a não possui, ainda menos na sepultura a encontrei.

Ha longos estertores nas regiões do Ignoto, onde habita o Inconsciente, longos estertores de dôr, longos estertores de soffrimento; a morte não é o somno eterno que o comediante inglez julgou um sonho: depois de paralyzada a circulação vital, não resta só o aniquilamento, não resta só a ideal paz do sepulchro, porque vem a vida eterna.

E nas regiões do Ignoto, onde habita o Inconsciente, soffre-se tambem, porque se vive; e soffre-se tanto mais dolorosamente, quanto menos se esperava o martyrio.»

O pessimista d'além n tumulo fez uma pausa, agitou-se outra vez, brandamente, com um ruido lugubre e sonoro de ossos; depois continuou na sua voz dorida:

—«Eu vou-te contar, louco sonhador e alma cheia de emoções, vou-te contar uma horrivel tragedia de amor, que succedeu nos paramos distantes, ha já bastante tempo; quando foi, não sei, por que nas terras d'além não ha dia, nem ha noite, nem ha estações, e as almas que lá vivem, continuamente succumbem, sob a monotonia de um diluvio interminavel de luz.

Houve na terra, outr'ora, um poeta que ha de ter um nome inolvidavel; cantor superno do amor, tinha no coração, cheio de deliriosas aspirações, um ingenuo enleamento e uma doce idealidade

Amou muito e foi sempre trahido ou desprezado.

Despejára já, até ao fundo, o calix do fel; das innumeras e repetidas libações tinha asthenica a alma, e quando um dia, em que começavam a cahir as folhas das arvores, recebeu o amplexo frio e gelado da Morte, no seu peito de bronze, que abalaram tantas sensações dolorosas, estalou-lhe, com um fremente ronquido de moribundo, o coração forte e bom.

N'um raio de luz, elle voou para a altura; e do seu carro de fogo, no decorrer da jornada da terra aos plainos sideraes, cahiam faiscas estellantes e touros immarcessiveis.

No céo de Apollo, para festejar a chegada do novo nume, houve um banquete delicado e imponente, a que assistiram os poetas, as musas, as fadas e as virgens, e assistio a Lua—a branca amante do loiro Sol.

Beberam-se vinhos quentes de espuma luminosa, em crystaes fulguerosos; bebeu-se e cantou-se; mas, quando ao novo nume chegou a vez de empunhar a lyra, a alvura da cecem crepusculou-lhe a tez, e brotou dos seus labios, em entusiastico entono, um canto astrolatrico. Havia santos perfumes, havia magas rescendencias nas odes que o poeta disse; elle pedia á Lua que lhe desse, á alma morta, o calor de um affecto, e com o olhar, tristemente fegoso, envolvia toda a face marfinada da lubrica bacchante dos espaços.

Ella, porém, a branca amante do loiro Sol, tinha muito riso na voz e muita ironia nos beiços desmaiados, ao escutar os protestos vehementes; e o vate sempiterno, que na terra foi sempre trahido ou desprezado, e ainda no ceu fóra repudiado, gemeu tragicamente.

N'isto, rolou pelos espaços e foi cair no inferno, uma estrella cadente, que pertencia á cohorte astral mais escolhida, e se perdera, louca de amor, ao escutar o canto do poeta.



MIDAS

E elle, então, que tinha no coração, cheio de delirios: aspirações, um ingenuo enleamento e uma doce idea idade, bebeu, n'um crystal fulguroso, um vinho quente de espuma luminosa, e precipitou-se na immensidade vazia, para ir abraçar, no inferno, a estrella cadente, que se perdera pelo seu amor.

Mas o Sol, o loiro amante da branca Lua, que vinha no seu gyro, com um ardente olhar de ciúme, pregou-o, eternamente e exactamente ao meio do espaço, aonde está a terra, — o planeta moribundo.

Chamam-lhe o Equador e, ainda hoje, quando o Sol, o celeste Otello passa de um hemispherio para o outro, ouve-se lhe articular uma tetrica blasphemia, que semelha o bramido potente e temeroso da cnda enfurecida.

Pallido, a tremer, inerte como um morto, no sophá do meu quarto todo ferrado de negro, hermeticamente fechado, eu quasi que me finava de susto e horror, e agitava-me como o pinheiro batido por uma rajada de vento.

A pouco e pouco vi evaporar-se a estranha apparição que eu evocara com as praticas mysteriosas da India, e, quando voltou tudo ao seu mutismo habitual e cessaram os rumores sobrenaturaes, cabi n'um longo desmaio, embriagado com o cheiro acre das essencias magicas.

ARMANDO DA SILVA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

MADAME FURTADO HEINE

Entre as francezas illustres ultimamente agraciadas pelo presidente da Republica com a Legião de Honra, figura, na primeira plana, madame Furtado-Heine.

No decreto que lhe conferio aquella graça, lêem-se estas palavras:

«Madame Furtado-Heine assignalou-se por muitas obras de caridade da mais alta importancia. Designadamente, fundou em Paris um hospicio modelo, onde cada anno são recolhidas e tratadas, a expensas suas, muitos milhares de creanças pobres. Também deu provas de grande dedicação durante a guerra de 1870-1871, organisando em Paris uma ambulancia, e soccorrendo os nossos soldados internados e prisioneiros.— Titulos excepçoes »

São com effeito excepçoes estes titulos, e a *Illustração Portuguesa* devia por elles uma respeitosa homenagem da sua admiração á desvelada protectora das creanças, á sympathica e benemerita heroína da Caridade.

O asylo de madame Furtado-Heine foi dotado pela sua illustre fundadora com a somma de quatro milhões de francos.

### OS SETE PECCADOS MORTAES (SPECIMEN DAS GRAVURAS)

Offerecemos hoje aos nossos leitores um specimen das excellentes gravuras intercaladas no texto da monumental obra de Eugenio Sue, *Os sete peccados mortaes*, que a empresa editora de Publicações Illustradas começou a publicar, brilhantemente traduzida por Pinheiro Chagas.

Estas bellas gravuras, em numero de 185, são feitas pelo celebre desenhador Ferdinandus.

Na ultima pagina do nosso semanario damos o annuncio da notabilissima publicação, que se destina a ter entre nós um largo successo.

### POÏTA DE S. LOURENÇO, NA ILHA DA MADEIRA

A ponta de S. Lourenço fica proxima da historica villa de Machique: é um rochedo situado no meio do mar, sobre o qual se vê um enorme pharol, que se avista a 30 milhas de distancia e uma estação telegraphica ali estabelecida ha poucos annos.

MODAS

Os figurinos que hoje offerecemos ás nossas leitoras, representam uma linda «toilette» de senhora e um elegantissimo chapéu de viagem.

A «toilette» é em faille franceza, azul marinho, sobre saia de surah azul claro, bordado. A primeira saia cae direita e é bastante aberta. A segunda, levantada em «paniers», é presa na frente e dos lados por molhos de fita. O corpo é curto, guarnecido de velludo, formando bico adiante e acolchoado em cima e nas mangas. A parte superior do corpo abre sobre um colletinho de surah bordado. Os enfeites são de velludo e de surah.

Faz-se esta «toilette» com 6 metros de surah e 18 metros de faille.

O chapéu de viagem é de palha «gris» escuro, com o bordo da aba de palha branca. Uma «draperie» escoceza, encimada por um pombo branco, enfeita a copa do chapéu. Um longo veu de gaze, prezo por uma das pontas atraz, vem enrolar-se em volta do pescoço e prende depois atraz na banda formada pelo mesmo veu.

CUSTODIO LAMAS

Toda a Lisboa o conhece.

Até ha pouco, flutuava pelos cafés e pelas platéas dos nossos theatros, acompanhando uns poucos de rapazes da nossa primeira sociedade, que se sentiam bem junto d'elle e que o não largavam nunca.

Esses rapazes, reconhecendo em Custodio Lamas uma grande facilidade de fazer imitações, aliada a uma bella voz de tenor e a uma graça *sui generis*, que lhes arrancava sempre gargalhadas francas e ruidosas, aconselharam-n'o a abraçar a carreira d'actor.

Santos Junior, o empresario da companhia de zarzuela que ha pouco esteve no theatro da Trindade, acabou de convencer-o a seguir o conselho dado pelos seus companheiros d'estroino: e, escripturou-o para fazer parte da *troupe* hespanhola.

Foi assim que nós vimos Custodio Lamas no palco, exhibindo-se primeiro no papel de *Rata 2.ª* da *Gran Via*, e depois no tenor do *Feroci Romani* e n'um monologo escripto expressamente por Alberto Pimentel, em que este nosso collega aproveitava com habilidade o dom de imitar, do debutante.

Na noite da estreia de Lamas, a Trindade encheu-se de *scnd en comble*. A sua primeira apparição no palco foi um acontecimento, mas não podemos dizer que os seus primeiros passos na vida d'actor fossem um triumpho, embora o publico, mais por sympathia que por admiração, lhe não regateasse applausos.

O sympathico moço tem alguns dotes d'actor, mas faltam-lhe muitos e imprescindiveis, taes como a mobilidade de physionomia, o sublinhar da phrase, a propriedade no gesto, e outros.

E' possivel que, pelo andar do tempo, viesse a conseguir tudo isto, mas precisava de estudar muito, muitissimo, e de seguir as indicações de bons mestres.

Estará elle disposto a fazel-o? Duvidamol-o.

E se o não fizer, não ultrapassará nunca a craveira por onde se medem as mediocridades.

Sentimos ter de dizer isto, mas preferimos ser justos a ser louvaminheiros.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas novissimas

Offerecidas ao ex.º sr. João P. de Mattos

O corvo incommoda este acrobata—2—1.

Esta mulher prende este homem—3—1.

E' inconstante, na musica, esta doenca—3—1.

No alfabeto, na musica, e na Biblia é mulher—1—1—2.

Esta interjeição não é boa, na casa, por ser um fructo—1—1—1.

Faro.

M. CAROLINA C.

### Charada em verso

N'um momento, prompto e lesto,  
Eu fazer vou, com acerto,  
Charadinha,  
Com a qual eu já protesto  
Que nenhum leitor, por certo,  
Faz farinha.—2

Mas, espera... Querem ver?  
O papel onde ha bocado,  
Com certeza,  
O termo eu fui escrever,  
Não o encontro! desalmado!  
Sobre a mesa.—1

Fica o leitor sem charada!  
Bem vé... não foi minha a culpa;  
Mas bolinho,

P'ra a falta ser relevada,  
Acceite como desculpa,  
E adeusinho.

MATHEUS JUNIOR.

### Decifrações

DA CHARADA EM VERSO:—N'ologismo.  
DO LOGOGRIPO:—Thermopylas.

## A RIR

Fim de uma scena entre um bohemio e um credor.

—Esteja certo, dizia o bohemio ao credor, de que nunca lhe pagarei. Juro-lh'ol... E um homem de bem não tem mais de uma palavra!

O pequeno do sr. Anastacio engole quantos carapetões lhe querem pregar os outros rapazes. A mãe está todos os dias a ralar com elle e censura o por gastar muito depressa o d'nh'eiro que lhe dão os paes.

—Mas, mamã, ha um rapaz que me pede sempre todas as moedas de dez réis que eu levo, e eu não tenho mais remedio se não dar-lh'as.

—Mas para que?

—Então que quer? elle diz que faz collecção!

## UM CONSELHO POR SEMANA

PARA TINGIR O MARMORE

Aquece-se primeiro, para facilitar a penetração da côr. Uma solução de nitrato de prata tingem o marmore de preto. Uma de verdete, de verde. Uma de carmin quente, de vermelho. O ouro pimenta dissolvido em amoniaco, produz o marmore amarello. Com uma solução de sulphato de cobre, obtém-se o azul; com uma de fuschina, o côr de purpura.

## O JOÃO

Quando elle saiu da aldeia para soldado, foi um côro geral de imprecações e lamentos. A mãe e as tias e as primas e as irmãs, acompanharam-o n'uma berrata monumental até ao governo civil de Ponta Delgada.

Ficou apurado para soldado, não obstante ser tão sumidinho, que parecia ter dezeseis annos em vez de vinte.

O João era filho de camponios e criado de um lavrador rico. Era um rapaz magrinho, macilento, sem sombra de barba, muito intelligente e trabalhador. O que se chama: uma joia. A mãe também não era muito forte, e não tinha dado ao casal, senão aquelle varão. Os outros filhos, pertenciam ao sexo fragil. Por isso, toda a freguezia tremem quando constou que elle ficara no quartel da cidade com a perspectiva da bella mochila ás costas e do formoso cabello cortado á escovinha.

O João, porém, se era fraco do corpo, não o era do coração. N'isto avantajava-se aos mais alentados mocetões da sua terra. Amava e era amado. Poderia julgar-se ditoso, se não tivesse vindo a negra fada da caserna interpor-se entre o seu amor.

A rapariga que adorava como as meninas dos seus olhos, era uma gentil camponesa de dezeseis annos, loura como uma estriça de linho, com uns bellos olhos azul celeste, descendente de antigos emigrados hollandezes que ha seculos haviam aportado á ilha, fugidos do despotismo hespanhol na baixa Flandres. Tinha toda a doçura e todo o peso da sua raça: era gorda e terna, e chamava-se Maria.

Como elles se amavam! Que de conversas intimas ao meigo e silencioso luar dos campos! Dos formosos olhos da Maria, escorria toda a ternura das doces virgens flamengas. E d'elle, escaudavam os beijos meridionaes.

Foi a este idyllie que poz termo a dura lei de tributo do sangue. O que os dois choraram, não se descreve.

—Ai! João! que nunca mais te torno a vêr! dizia a Maria, n'um soluçar bravo, estendendo os amplos braços ao pescoço do rapaz.

—Tem coragem, rapariga! Tem coragem! Não tems vergonha de chorar como uma Magdalen arrependida?

E elle, o forte, que dizia isto, tinha também es olhos marejados.

Um sargento reformado fez comprehender á cachopa que a

vida militar] não era tão rigorosa, que se não desse licença aos rapazes para irem gosar no seio das suas familias. Mas por um acaso fatal, pouco tempo depois do rapaz sentar praça, foi uma ordem de Lisboa para embarcar um contingente, afim de reforçar um corpo qualquer do continente. E então, foi o dia de juizo na ilha, como acontece sempre que d'ali saem soldados indigenas.

E o João veio para Lisboa. Como era docil e intelligente, o seu capitão tomou-o para «impedido». Foi uma felicidade, senão o pobre succumbia á nostalgia do patrio lar.

A familia do capitão, quatro alegres creanças e uma bondosa senhora de trinta annos d'idade, salvaram-n'o. Os pequenos, com esse instincto da mocidade, que adivinha a bondade onde ella jaz occulta, affiçoaram-se logo ao impedido do pae, como se elle fóra um irmão. O aspecto insinuante e effeminado do soldado, também contribuia para lhes inspirar confiança.

Vendo-o sempre triste, a senhora do capitão interrogou-o habilmente, e foi-lhe facil saber que o João deixara o coração preso á terra natal.

Tudo o desejo d'elle seria escrever á Maria; mas como, se elle era analphabeto? A senhora decerto não o poderia fazer, pela sua dignidade de mulher; o capitão, muito menos, pela sua dignidade de superior; os meninos, não lh'o consentia a sua innocencia.

N'isto, a senhora teve uma idéa.

—Porque não aprende o João a ler e escrever?

—Eul' senhora! pois ainda estarei a tempo de aprender?

A excellente senhora encolheu os hombros.

—Ha soldados muito mais velhos do que o João, que teem aprendido a ler e escrever.

—Ah! a senhora não sabe o bem que me faz, dando-me essa esperanza!

Mas em acto continuo, bateu uma rija punhada no peito, exclamando com desanimo:

—Mas eu sou um burro, um burro, um burro! E não aprendo.

A este tempo, entrou na cosinha o pequeno mais velho, um bonito diabrete de doze annos, Agostinho, já estudante do primeiro anno de preparatorios. Ouviu as ultimas palavras do camarada, e disse-lhe simplesmente.

—Eu ensino-te.

O soldado apesar de conhecer a bondade do pequeno, teve receio de que o quizesse disfructar, e não respondeu.

O Agostinho, já bastante perspicaz para a sua idade, comprehendeu-o, e olhou com tristeza para a irmã, uma formosa menina de dez annos. Ella, com a sua voz cantada e meiga, acercou-se do soldado e disse-lhe:

—Olha que o mano falla serio. Ainda o outro dia elle me disse: «Que pena o João não saber ler!» Portanto, podes ter confiança, elle não brinca.

O rosto do João desanuveou-se e olhou para aquella encantadora creança, com o olhar pudico de um irmão. Ella leu-lhe no olhar a alegria intima, e correndo d'elle para o irmão, exclamou com a maior gravidade:

—Quando principias as tuas lições?

—Quando elle quizer, respondeu expedito o Agostinho.

—Ora essa! Eu quero já, gritou o João.

—Já, não pôde ser, observou com bom modo a dona da casa, intimamente regosijada com a bondade de coração dos filhos; mas pôde ser ao serão. Não me opponho a isso, uma vez que não f'liem os meninos ao estudo das suas lições.

—Ah! descance a mamã, que nós vamos dividir esta tarefa entre ambos. Um dia, o Agostinho dá-lhe lição de leitura; e no outro, eu ensino-lhe a escripta.

—Então tu também queres ensinar o João? perguntou a boa senhora, sorrindo.

—Quero que elle me deva ao menos, metade do que aprender.

O soldado, commovido, levou as costas da mão aos olhos. E' que ouvindo aquella adoravel creança tratá-lo com tanta meiguice, lembrou-se involuntariamente da sua noiva.

Então, o Agostinho notou para a irmã:

—Olha como elle chora!

E correndo para o soldado, que estava sentado a trabalhar, lançou-lhe os braços ao pescoço. A pequena não lhe quiz ficar atrás, e correu também a abraçá-lo, apesar da mãe lhe dizer, fingindo-se zangada:

—Menina! Que proposito é esse?! Não vê que o João é um homem?

—Nada! O João é um rapaz! respondeu ella muito depressa.

A mãe não pôde deixar de rir, porque na verdade, a cara imberbe e o aspecto franzino e inoffensivo do «impedido», não era effectivamente para metter respeito a uma creança de dez annos.

A' noite, logo depois da ceia e posto um panno verde sobre a vasta meza do jantar, começaram as lições do João, presididas pela dona da casa, que costurava, á cabeceira da mesa. N'aquella noite, por ser a primeira vez, coube ao Agostinho a lição.

A irmã, no outro angulo da mesa, estudava as suas lições do collegio para o dia seguinte, e de vez em quando cravava os seus olhos limpidos e azues no João e no irmão.

A mãe, disfarçadamente, examinava-os a todos, e pelos seus lábios finos desliza um sorriso docemente ironico.

O capitão não assistia a estas scenas. Todo elle era politica nas salas do centro do seu partido.

O João aprendia com o ardor de quem precisava quanto antes catlear-se com a sua namorada. Os seus pequenos mestres estavam maravilhados.

Chegou afinal o grande dia em que o João ponde escrever a sua primeira carta sem auxilio estranho. Que de sensações delectositas! Que de cartas-testamentos! N'isto, o capitão é destacado para a fronteira, a formar parte d'um cordão militar, por causa de uma revolução em Hespanha. O João marcha com elle. Abriu então os olhos a valer nos mysterios do contrabando, e quando mezes depois deu baixa, safou-se para a terra, a abraçar a sua querida Maria e a pedir o logar de guarda d'alfandega, que obteve.

Taes cousas fez, que no fim de um anno estava chefe de posto. Casou com a sua Maria e associou-se secretamente com uns negociantes, enriquecendo a olhos vistos. Com o auxilio da politica foi-lhe facil, no prazo de cinco annos, chegar a chefe fiscal; mas para apanhar os galões, teve de vir a Lisboa. Veio acompanhado da sua encantadora esposa, que era a admiração dos lojistas da Baixa, pela sua rica carnação e pela profunda ingenuidade com que pagava todos os preços que lhe pediam.

Um bello dia em que a esposa não ponde sair, por causa de um ligeiro incommodo de saude, o nosso chefe fiscal correu a uma loja de modas então celebre, e pediu para lhe enviarem ao hotel varias bugiganças.

A' hora marcada apresentou-se o caixeiro, com uma enorme caixa de papelão contendo os objectos pedidos. Apenas se avistaram, entrou o rapaz a tremer n'uma convulsão, os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas e deixou cair a caixa no sobrado.

O fiscal estava pasmado e de balde interrogava a memoria. Nada lhe recordava aquelle rapazote alto, magro, pallido, imberbe. Ia a interrogal-o, quando elle mesmo disse:

—O sr. hade desculpar a minha commoção; mas parece-se tanto com uma pessoa que eu conheci n'outro tempo...

—E aonde conheceu essa pessoa? perguntou o João.

—Em casa de meu pae.

—E quem é seu pae?

—Meu pae já não existe ha seis annos, respondeu elle com tristeza.

—Mas como se chamava?

Então o caixeiro, cravando o seu olhar penetrante no fiscal, respondeu:

—Chamavam-lhe o capitão Barreto, de caçadores 2.

O fiscal, ingenuo e bom, como verdadeiro filho dos campos soltou um grito e correu de braços abertos para o caixeiro, exclamando:

—Oh! meu querido amo! Sim; não se enganou. Sou o soldado João e não me envergonho de ter sido o «impedido» de seu pae. D'ahi é que data a minha fortuna. E o sr. é sem duvida o filho mais velho, aquelle que me ensinou a ler. Mas acho-o tão demudado, que me custa a reconhecê-lo!

—Sou o Agostinho, effectivamente.

—Ah! dê-me outro abraço! Como está mudado! E a senhora sua mãe e os outros meninos? Mas como é que se acha em caixeiro? E os seus estudos? Conte-me tudo!

O rapaz contou então, como o pae morrera de um typho, logo depois da saída do João para a ilha. Como a mãe, reduzida à miseria e rodeada de quatro filhos menores, teve de lançar mão da machina de costura para viver, e tratara logo de empregar os pequenos no commercio. Mas nos primeiros annos não ganharam nada, e agora apenas ganhavam o sufficiente para matar a fome, estando além d'isso cheios de dividas.

—Quero ir ver já sua mãe! exclamou o João, sensibilizado. Aonde mora?

—Na calçada de Sant'Anna, 96, 3.º

—Vamos lá.

—E estes chapeos... e estas... cousas? perguntou hesitando o Agostinho.

—Oral deixe-os ahí ficar!

—Mas o patrão despede-me.

O fiscal olhou então bem firme para elle e disse-lhe:

—E' isso mesmo que eu quero

—Hein? murmurou o pobre rapaz, recuando desconfiado.

—O filho do meu capitão não ha de ser mais caixeiro, enquanto eu fôr vivo! disse com extraordinaria nobreza o João.

E saiu a correr pela escada do hotel, seguido do Agostinho.

Foram a calçada de Sant'Anna. O que se passou é breve. Ao fim de 15 dias, a familia do capitão seguia para as ilhas, na companhia do João e da Maria; e mais tarde o fiscal fazia entrar o Agostinho e o irmão, como aspirantes, na alfandega de Ponta Delgada. A irmã d'elles, a que fôra mestra de escripta do soldado, uma gentil menina, conhecendo de perto os amargurados dias da miseria, o que lhe dava uma seriedade tocante á physionomia, fez um bom casamento, e recorda sempre ao João, com um sorriso, os puxões d'orelhas que lhe deu quando o ensinou a fazer os primeiros traços.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



CUSTODIO LAMAS

# OS SETE PECCADOS MORTAES

POR

EUGENIO SUE

TRADUÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

OS SETE PECCADOS MORTAES, elegante e primorosamente traduzidos por Pinheiro Chagas, serão illustrados com

**185 GRAVURAS**

do celebre desenhador FERDINANDUS, intercaladas no texto, gravuras que a «Empreza Editora de Publicações Illustradas» comprou directamente em Paris, ao importante editor francez Jules Rouff.

OS SETE PECCADOS MORTAES dividem-se nos seguintes romances:

SOBERBA—A Duqueza. AVAREZA—Os Millionarios.  
LUXURIA—Magdalena. IRA—Tição do Inferno. GULLA—O dr. Gasterini.  
INVEJA—Frederico Bastien. PREGUIÇA—O primo Miguel

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A distribuição será feita ás cadernetas semanaes de 24 paginas e aos fasciculos de 48 paginas. Em Lisboa, cada caderneta 60 réis. Nas provincias, cada fasciculo 120 réis franco de porte.

ESCRITORIO—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA